

PSDB apóia, mas exige parlamentarismo

São Paulo — Zaca Feitosa

SÃO PAULO — Em meio a muito sigilo, as principais lideranças do PSDB começaram a analisar os resultados obtidos pelo candidato do partido à Presidência da República, Mário Covas. Reunidos para um almoço por mais três horas no apartamento do presidente nacional do PSDB, o ex-governador Franco Montoro, os dirigentes tucanos ainda estudam que tipo de alianças políticas o partido realizará no segundo turno — qualquer negociação terá que partir de um programa mínimo que inclui o parlamentarismo e o tratamento da dívida externa. Covas, mesmo sendo vizinho de Montoro, não compareceu ao encontro.

“É quase impossível irmos para o lado de Collor. Temos delimitações ideológicas e o nosso apoio só poderá acontecer no campo progressista. Ele está cercado de setores da direita”, avaliou o senador Fernando Henrique Cardoso. “Não estamos interessados em Ministérios ou cargos”, garantiu. “Acho inadmissível a hipótese de apoiarmos Collor”, afirmou o prefeito de Belo Horizonte, Pimenta da Veiga. As opiniões dos tucanos, no entanto, não eram unânimes. “O candidato, seja quem for, terá que passar por um duro vestibular”, advertiu o senador José Richa, coordenador nacional da campanha de Covas. “Se nenhum dos vitoriosos no primeiro turno aceitar, não haverá acordos e o PSDB não apoiará ninguém”, garantiu Richa.

Reunião — A decisão sobre que caminho tomar no segundo turno volta a ser discutida em reunião da executiva nacional e da bancada federal no início da próxima semana, segundo acertaram os participantes da reunião — além do anfitrião, estavam presentes também os deputados federais Euclides Scalco (PR) e José Serra (SP). Se o partido resolver fechar uma aliança com Collor de Melo, por exemplo, encontrará algumas resistências — antes das eleições, o senador Mário Covas declarou que dificilmente apoiaria Collor. “Não pretendo me entender com ele”, disse Covas.

Por isso, uma aliança com o candidato do PRN no segundo turno, além de necessariamente ter que ser costurada em torno de um programa mínimo de governo, precisaria vencer algumas resistências. Se as dificuldades de Collor de Melo já são muitas na cúpula do PSDB, elas se ampliam ainda mais nas bases, em maior parte com um perfil de esquerda. A intenção dos líderes partidários é de desencadear um processo de discussão entre os militantes antes de tomar decisões sobre o o candidato que os tucanos podem vir a apoiar.

Satisfação — Satisfeitos em constatar que os resultados alcançados por Covas em todo o país solidificaram a estrutura do partido, os tucanos tinham motivos para comemorar: “A nossa votação nos projeta como um partido nacional”, dizia Franco Montoro ao final da reunião. “Estamos fortalecidos”, concordava Fernando Henrique, animado pela larga vitória obtida por Covas junto aos eleitores da capital paulista. Covas passou a manhã de ontem em seu apartamento no bairro do Jardim Paulistano sem manifestar interesse em conversar



Lideranças do PSDB querem aliança com candidato que defenda parlamentarismo

com os jornalistas que o aguardavam desde às 6h30. Às 14h, o candidato do PSDB deixou sua residência em um Santana dirigido por seu assessor político Antonio Carlos Maluf. Em alta velocidade, o carro desapareceu pelas ruas do bairro e até o começo da noite o seu paradeiro ainda era um mistério.

Trancado em seu apartamento, o senador Mário Covas confidenciou a assessores que estava empolgado com a animação dos partidários de sua candidatura. “A militância está acompanhando como nunca a apuração”, disse Covas a seu assessor de imprensa, jornalista Washington Mello. “A grande notícia do dia é a apuração. Vamos esperar os resultados de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro”.

□ O candidato do PSDB, Mário Covas, conseguiu o primeiro lugar nas urnas apuradas no Setor Militar Urbano, com 25,82%. O segundo lugar coube a Leonel Brizola (PDT), com 15,21%, seguido por Guilherme Afif Domingos (PL), com 13,80%. Luis Inácio Lula da Silva (PT), ficou em quarto lugar com 12,88% e Fernando Collor de Melo (PRN), em quinto, com 11,82%. Roberto Freire (PCB) também obteve uma votação expressiva na área habitada por militares e seus familiares, alcançando o sexto lugar nas votações, com 7,12% dos votos, ficando na frente de Paulo Maluf (PDS), que conseguiu 7,02%. Os números apurados no setor militar foram considerados surpreendentes, já que nem os próprios candidatos esperavam tal resultado.